



revista adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

DR. JOSÉ NUNES BRANCO

(1904 - 1977)

Na madrugada de 8 de Maio, o Dr. José Nunes Branco Pardal, nosso prezado irmão na Fé, teve um ataque de coração que o vitimou em uma hora. A natural aflição dos seus familiares sucedeu a consternação e profunda tristeza dos Adventistas na área de Lisboa com repercussão nas restantes Congregações do país. Estivera retido em casa durante algumas semanas por uma ciática mas encontrava-se clinicamente curado e seria de prever, em vez da sua morte, o regresso às suas actividades normais. O que é a vida! Bem disse Jó a Deus: «Lembra-te que a minha vida é como um sopro!» (Jó 7:7 em hebraico). E o nosso lírico João de Deus, no Campo de Flores, escreveu: «A vida é ai que mal soa, sombra que foge e nuvem que vôl» A morte repentina e inesperada do nosso irmão Nunes Branco foi mais uma lição para termos as nossas contas reguladas com os nossos semelhantes e, sobretudo, com Deus. Acontece-nos, muitas vezes, o mesmo que àquele abastado proprietário da parábola de Jesus, muito preocupado com planos de engrandecimento, a quem Deus disse: «Louco, esta noite te pedirão a tua alma!» É acto de bom senso estar sempre preparado para entrar na sepultura com a certeza da primeira ressurreição à vinda gloriosa de Jesus Cristo.

Em 1932 (há 45 anos!), sendo evangelista em Portalegre, tive o privilégio de contactar com o Dr. Nunes Branco, figura popular daquela cidade, elemento valioso do clero católico, professor do Seminário Maior e, se não estou em erro, secretário particular do Sr. Bispo de Portalegre e Castelo Branco. Como passou do Catolicismo para o Adventismo?



A causa principal foi o que o nosso povo diz: «Deus escreve direito por linhas tortas», isto é, serve-se até de males para chamar as almas à Verdade. No entanto, nos domínios humanos, parece-me que três factores intervieram nessa evolução:

1. — Como pessoa muito inteligente, é natural que tivesse encontrado na estrutura doutrinária e administrativa da Igreja Católica algumas fendas.

2. — Seguiu com interesse uma polémica entre mim e o elemento católico «entrincheirado» no jornal «Distrito de Portalegre», sobre qual teria sido o dia de descanso semanal observado por Cristo, pelos Apóstolos e pela Primitiva Igreja Cristã. Muitos argumentos foram apresentados, de parte a parte, e alguns causaram-lhe profunda impressão, como depois me disse.

3. — Devido a uma atitude sua que muito o honrou como cristão e homem de bem, foi exautorado pela sua igreja e sentiu-se desamparado de todos quantos, como ministros de Cristo, deviam sentir o dever cristão de o rodear de simpatia e auxílios. E que não lhe teria acontecido se vivesse na época em que funcionou a Inquisição?

Só quem tenha passado por estas experiências poderá avaliar o sofrimento moral dos que se dão conta dos erros da Igreja em que nasceram e foram criados e, principalmente, deparam com a falta de caridade e solidariedade dos seus superiores e colegas.

Estava o Dr. Nunes Branco nesta situação quando tive a honra de receber na minha pobre casa a sua primeira visita à qual seguiram muitas outras em que, com a máxima simpatia e cordialidade, cumpri o dever de o amparar espiritualmente e de lhe dar a luz doutrinária do Evangelho. Essa luz cintilante iluminou o seu espírito e foi acalmado as suas dores morais. Em vez de discutirmos, estudámos academicamente as doutrinas controversas até chegarmos à unidade de pontos de vista. Se é possível que alguma coisa lhe tenha ensinado na minha ignorância, muito mais me ensinaram as suas objecções e reticências. Lembro-me que um dos assuntos que mais o chocaram foi o de ser a verdadeira Igreja a que fora fundada em Roma pelo Apóstolo S. Pedro de quem os Papas seguintes receberam a sua autoridade — isto como se ensina no Catolicismo. Abordámos o problema à luz dos autênticos documentos históricos entre os quais, como ninguém nega, os

(Continua na página 16)

“estai vós apercebidos”

MULHER DESPEDIDA POR NÃO TRABALHAR AO DOMINGO

GREENSBORO, E. U. A. — Uma empregada de comércio que diz ter sido despedida por se negar a trabalhar ao domingo recorreu ao tribunal de distrito, reclamando uma indemnização por prejuízos no total de 32 250 dólares (cerca de 96 000 escudos), alegando que foram violados os seus direitos de liberdade religiosa. — R. & H.

Escavações perto do Monte do Templo de Jerusalém

JERUSALÉM — Estão quase completas as extensas escavações em curso nos lados este e sudoeste do Monte do Templo, em Jerusalém, segundo afirmação do Dr. Benjamin Mazar, director do projecto de nove anos. O Dr. Mazar, um antigo presidente da Universidade Hebraica de Jerusalém e decano dos arqueólogos israelitas, disse que o projecto representou «a mais intensiva e a mais significativa escavação que já foi levada a efeito na Terra Santa». O material descoberto, disse ele, abrange períodos que vão desde os antigos profetas hebreus, passando por períodos gregos e romanos, pelo tempo de Jesus, o período da dominação muçulmana, e até aos nossos dias. O custo total do projecto foi de mais de 2.300.000 dólares. A publicação dos resultados das escavações é aguardada ansiosamente por todo o mundo erudito.

«Estou muito cansado ... Não tenho dinheiro ... Cala-te!»

WASHINGTON — A frase mais frequentemente repetida pelos pais americanos aos seus filhos é «Estou muito cansado», segundo um inquérito, entre crianças, empreendido por um casal adventista do sétimo dia.

«Não temos dinheiro que chegue», foi a segunda frase mais repetida pelos pais aos filhos, seguida por: «Sossega», ou: «Cala-te!»

O inquérito foi feito à escala nacional pelo Dr. Delmer W. Holbrook e a sua esposa, directores do Family Counseling Service (Serviço de Conselhos à Família) da Igreja Adventista. Neste verão, eles estão a dirigir inquéritos e seminários sobre a vida familiar em acampamentos adventistas em diversos pontos dos Estados Unidos.

Os Holbrook disseram que têm a esperança de os seus inquéritos e de-

bates este verão lhes virem a permitir preparar a outros no trabalho de restaurar matrimónios transtornados.

A missão que lhes foi designada pela sede adventista mundial é a de ajudar a encontrar soluções para o «problema do lar americano».

Nos seminários sobre vida familiar, os Holbrook organizam debates sobre temas como as tensões no casamento, as finanças da família, comunicação, o papel dos pais, e o enriquecimento da vida conjugal.

Afirmam eles acreditar que a melhor ajuda para a felicidade no casamento é dada pelas Escrituras — um recurso esquecido por muitas famílias.

O Dr. Holbrook é presidente da escola adventista internacional por correspondência Home Study Institute. A Sr.^a Holbrook escreve regularmente para a *Review and Herald*, órgão oficial da Igreja Adventista.

As notícias religiosas mais importantes em 1976

NOVA IORQUE — A notícia religiosa mais destacada em 1976 foi a implicação religiosa das eleições presidenciais americanas, incluindo a propaganda pública dos evangélicos e o esforço para introduzir na Constituição dos Estados Unidos uma emenda contra o aborto. Em segundo lugar vem a aprovação do sacerdócio feminino pela Igreja Episcopal. Outras notícias seleccionadas pelo Religious News Service incluíram: o cisma na Igreja Luterana-Sínodo de Missouri, que levou à formação de uma denominação nova, a Associação das Igrejas Evangélicas Luteranas; e as tensões entre a Igreja e o Estado que envolveram várias nações da América Latina, a Coreia do Sul, a Polónia, a Alemanha Oriental, a Etiópia, as Filipinas, a União Soviética, a África do Sul e a Rodésia.

A população luterana decresce

GENEVA — O número de luteranos em todo o mundo declinou ligeiramente durante 1976, segundo a Federação Luterana Mundial. De acordo com os relatórios das 94 organizações membros da F.L.M., pequenos grupos «reconhecidos» pela F.L.M. e igrejas não filiadas, o total de luteranos em todo o mundo é de 70.508.327. O relatório semelhante de um ano antes mostrava 70.638.520. Destes, cinquenta e cinco milhões estão na Europa, nove milhões nos Estados Unidos e no Canadá, três milhões na Ásia, um milhão na América Latina e meio milhão na Austrália.

SUMÁRIO

- Dr. José Nunes Branco
- «Estai vós apercebidos»
- Página Editorial — A Conta do Tempo...
- O Evangelho interpretado por Paulo
- Poema — Alma Liberta
- Congresso da Juventude Adventista em Florença
- Resolução ou Revolução?
- História do Mês — As Três Árvores
- Notícias do Campo
- Caixa de Perguntas
- Breves Notícias do Mundo Adventista

revista
adventista

ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA EM PORTUGAL

Publicação mensal

JUNHO DE 1977

ANO XXXVIII

N.º 369

Director: ANTÓNIO SIMÕES
LOPES BAIÃO

Administrador:
JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO
S. A. R. L.

Redacção:
R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
LISBOA

Administração:
RUA SALVADOR ALLENDE,
LOTE 18, 1.º
SACAVÉM

Composto e Impresso na
TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.
Alam. D. Af. Henriques, 1.º C — Lisboa

Preços:

Assinatura Anual	60\$00
Número avulso	6\$00
Estrangeiro	130\$00

A CONTA DO TEMPO...

Pensamos no tempo como veloz e incansável cavaleiro que nunca suspende a sua correria. E quando nós, talvez cansados, talvez satisfeitos, paramos para o contemplar um momento eis que ele já é passado. Irremediavelmente perdida a oportunidade do tempo que, inaproveitado, se esgotou ou preenchido até à plenitude o instante que, bem vivido, se enriqueceu.

Preenchidos ou esgotados, os segundos que compõem a cadeia da nossa passagem nesta vida traçam para cada um uma linha que, um dia, inevitavelmente se fechará. Esse será o momento em que se completa todo o traçado, mais ou menos longo, mais ou menos tortuoso, de uma existência nesta terra. É esse o temido momento do fim.

Então, paradoxo estranho, ao fechar-se a linha, o futuro e o presente encontram de novo o passado. Aquilo que parecia para sempre deixado atrás para a eternidade surge diante de cada um com todo o seu peso, com toda a sua realidade. De uma vida que chega ao fim ressurgem, na memória dos que a recordam com saudade, os momentos felizes que lado a lado se viveram; renovam-se os frutos do carácter daqueles que receberam a influência da sua vida de dedicação e no nobre exemplo de lealdade a uma Causa.

E porque nenhuma linha poderá contornar o ponto de convergência nem ninguém esquivar-se ao momento do fim, feliz aquele de quem se possa dizer: «Valeu a pena ter vivido».

Muitos há que apenas deixam para a posteridade, assinalando a sua passagem nesta vida, a sepultura onde repousam. Outros nem isso. Mais triste, porém, será deixar os resultados de uma vida que se perdeu; as cicatrizes das feridas causadas a outros pelos desvios das normas sagradas; o amargor de uma amizade que se quebrou ou a lembrança dolorosa de uma Causa que se traiu.

Morreu um Homem. E ouviu-se: «a geração presente curva-se respeitosamente diante da sua memória, diante do legado da sua vida; foi uma inspiração para alguns, um exemplo para todos». Porque deverá alguma vez o contrário ser dito de qualquer dos tantos outros a quem, como a ele, foi um dia confiada a guarda de um sagrado depósito?

A noção da passagem do tempo traz sabedoria ao coração. Sabedoria que nos lembra que célere é o tempo e breves os nossos dias. Sabedoria que nos inspira a edificar com os minutos da vida um monumento formado de «tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama». E como sabemos que para além da recordação dos que nos sobrevivem teremos de encarar Aquele que conhece o íntimo de cada ser, o segredo de cada momento, sábios seremos em viver o presente sem esquecer o futuro encontro com o passado.

João Belo dos Santos

O Evangelho interpretado por Paulo

Norval F. Pease

NO CAPÍTULO seis de Romanos, Paulo insiste em que os que estão salvos estão «mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus». Rom. 6:11. Acredita que a graça de Deus liberta os homens do domínio do pecado e os faz «servos da justiça» (vers. 18). O resultado dessa nova revelação é santidade e vida eterna.

Em Rom. 7:1-6, Paulo emprega o vínculo do matrimônio para ilustrar o seu pensamento. Esta alegoria tem causado muitos debates, mas a sua intenção parece clara: «Porque a mulher que está sujeita ao marido enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido». Rom. 7:2. Este versículo apresenta três personagens: a mulher, o esposo e a lei que governa esta relação mútua. O esposo morre. A lei matrimonial já não tem mais vigência. Paulo parece representar, mediante a figura do esposo, o «velho homem», ou o «eu pecador», que foi crucificado com Cristo». Depois de o primeiro esposo ter sido assim eliminado do cenário, a «mulher», o seguidor de Cristo, fica em liberdade para estabelecer uma relação com Cristo, que lhe proporcionará poder para cumprir aquilo que a lei não pode fazer. A lei não era o primeiro esposo, mas a lei condenava enquanto o primeiro esposo, o «eu pecador», permanecesse vivo. (Rom. 6:6).

Paulo prossegue demonstrando qual é a natureza da lei. O mandamento é «santo, justo e bom» (Rom. 7:12); mas o pecado que a lei condena sentencia o pecador à morte. O apóstolo reconheceu em si próprio a existência de desejos e motivos conflitantes. «Pois, o que quero, isso não faço, mas o que aborreço, isso faço» (vers. 15). «Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo». Rom. 7:21. A compreensão da esterilidade dessa luta leva o apóstolo a exclamar: «Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Dou graças a Deus, por Jesus Cristo, nosso Senhor. Assim que, eu mesmo, com o entendimento, sirvo à lei de Deus, mas, com a carne, à lei do pecado». Rom. 7:24 e 25.

No capítulo 8, o leitor sai do cenário da luta e da derrota, e entra na vitória emocionante de uma vida plena do Espírito:

«Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque, a lei do

espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito.» Rom. 8:1-4.

O segredo da vida cristã consiste em estar «em Cristo». Esta expressão, que aparece dezenas de vezes nos escritos de Paulo, descreve uma relação salvadora com Cristo. No versículo 10 esta figura inverte-se e diz que «Cristo está em vós». Estas figuras sugerem uma relação tão íntima entre Cristo e o Cristão, que as palavras não fazem mais do que descrevê-la vagamente. A expressão «em Cristo» fala de confiança, obediência, sumissão, amor e fé. A expressão «Cristo em vós» sugere regeneração, transformação, poder e graça.

O contraste entre a «carne» ou «natureza inferior» e o Espírito é o contraste entre a velha vida antes de Cristo e a nova vida em Cristo. Este contraste é apresentado com maiores pormenores em Gál. 5:16-25, onde se estabelece uma diferença entre os frutos do Espírito e as obras da carne.

A vida que está sob o controle do Espírito converte o homem num filho e herdeiro de Deus, e em «co-herdeiro» de Cristo. (Rom. 8:17). Nos versículos 18 a 39, Paulo contempla, para além deste mundo, a «glória que em nós há-de ser revelada». Visualiza todo o Universo na expectativa do resultado do plano da salvação. Esta glória final é a culminância da sequência que aparece nos versículos 29 e 30: «Porque, os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho; a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E, aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou». Ainda que nesta sequência não seja mencionada a fé, não se deve concluir que o homem não tenha uma parte na determinação do sentido da sua própria vida. A salvação do homem é provida por um decreto divino. O benefício que o homem obtém depende da sua aceitação da salvação.

O desfecho do «Evangelho» de Paulo encontra-se nos versículos 31-39. A liguagem humana poucas vezes tem conseguido alçar um voo mais elevado

do que nessa passagem. Os dons de Deus são ilimitados. A absolvição de Deus é completa. O amor de Deus é inigualável e a vitória é segura.

Assim como o capítulo 9 fala da soberania divina, o capítulo 10 trata da responsabilidade humana. Paulo volta a repetir o seu amor e preocupação por Israel. Está decepcionado porque eles procuraram estabelecer uma justiça da sua própria lavra mediante as obras da lei. Insiste na crença e na confissão como o meio de salvação para todos os homens, tanto judeus como gentios (vers. 9-13). Os últimos versículos do capítulo sustentam que Israel teve ampla oportunidade de conhecer e aceitar a salvação pela fé.

O capítulo 11 apresenta a tremenda verdade de que a eleição de Deus é uma «eleição da graça». Mediante a parábola da oliveira, Paulo explica como se cumprirão os propósitos e promessas de Deus.

Essa parábola deve ser considerada em relação com o marco de referência de Romanos 9 a 11. Toda essa secção trata do problema de Israel. A Israel foram feitas promessas que os judeus interpretaram de maneira absoluta. Paulo estava ensinando a supremacia da fé acima da supremacia da raça. A pergunta seguinte surgia logicamente: E as promessas de Deus a Israel? Como se cumprirão?

Um conceito básico para compreender Romanos 9 a 11 é o de «eleição». Este introduz-se no capítulo 8. Aqui apresenta-se Deus como alguém que conhece de antemão, que predestina, chama, justifica e glorifica um povo. Esta obra divina comunica ao apóstolo uma grande confiança, que é manifesta no seu cântico dos versículos finais do capítulo. O capítulo 8, entretanto, não propõe definições nem estabelece limites no que respeita à eleição. A ideia de eleição foi proposta, mas não examinada. Os capítulos 9 a 11 procuram aplicar o princípio da eleição aos judeus gentios.

Como vimos, o capítulo 9 justifica a rejeição de Israel por parte de Deus. Paulo mostra, com base na experiência dos patriarcas, que Isaac e Jacob foram eleitos por Deus, enquanto os seus irmãos foram recusados. De maneira que houve uma «eleição» (vers. 11) na época patriarcal.

Paulo continua apoiando a sua proposição com a ajuda das palavras ditas por Deus e Moisés (vers. 15), e com a menção do seu trato com Faraó. A sua posição como Criador (vers. 19-23) permite estabelecer as suas próprias condições no trato com a humanidade. A seguir, Paulo explica como Isaías predisse a salvação dos gentios, e a salvação apenas de um remanescente de Israel (vers. 27-29). Os versículos finais do capítulo manifestam a norma estabelecida por Deus para a salvação: a fé. O capítulo conserva a ideia de que Deus tem o direito de utilizar a fé como norma de salvação, em lugar da raça ou das obras, se assim o prefere.

No capítulo 10, os judeus recebem a explicação de que estão sem desculpas, pois o Evangelho foi pregado plene e universalmente.

O capítulo 11 inicia, tal como os capítulos 9 e 10, com outra declaração de Paulo, com a qual se iden-

tifica com o seu povo. O capítulo principia com um tema importante: «Terá Deus, porventura, rejeitado o Seu povo?» A resposta é uma enfática negação, e a defesa é uma alusão à experiência de Elias, quando sete mil pessoas fiéis constituíram um «remanescente» em Israel. Paulo aplica esta ilustração: «Assim, pois, também agora neste tempo, ficou um resto, segundo a eleição da graça.» A última expressão indica qual é a base sobre a qual Deus escolhe o remanescente: a graça. Em seguida Paulo declara nitidamente que a graça não elege com base nas obras. Posteriormente, no mesmo capítulo, se explica qual é a base sobre a qual a graça escolhe os seus eleitos.

Paulo assinala que o fracasso dos judeus teve um resultado positivo: a pregação do Evangelho aos gentios. Todavia, Paulo sustenta a esperança de que alguns judeus aceitarão a Cristo.

A oliveira constitui a igreja verdadeira de Deus em todas as épocas. Os gentios, a quem Paulo está escrevendo, são comparados com uma «oliveira brava», enxertada no tronco em lugar dos ramos que foram quebrados. Dessa forma, participam «da raiz e da seiva da oliveira». Mas, embora nesta posição de ramos enxertados, os gentios não se deviam considerar superiores «aos ramos». A seguir vem o versículo principal da passagem: «Está bem; pela sua incredulidade foram quebrados, e tu estás em pé pela fé.» Este versículo apresenta a norma que Deus utiliza para a eleição: nem nacionalidade nem obras, mas somente a fé. Este versículo modifica pontos de vista extremos quanto à predestinação. É verdade que Deus elege os que quer; contudo, elegerá os que têm fé. Deus não está limitado por pactos nacionais, nem é influenciado por obras pessoais. O remanescente eleito pela graça de Deus é constituído pelos que têm fé.

Facto semelhante se repete no versículo 23. Paulo lembra aos gentios que Deus pode voltar a enxertar os judeus no tronco. A soberania de Deus, operando em harmonia com a Sua graça, torna possível que os gentios sejam enxertados ou que os judeus voltem a ser enxertados; contudo, em qualquer desses casos, a fé é o factor determinante.

Em continuação, Paulo admoesta os gentios para que não sejam arrogantes. Tinha de chamar a sua atenção para um «segredo»: «O endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado. E, assim, todo o Israel será salvo». Isto mostra claramente que o conjunto dos salvos será constituído por gentios que tenham fé, e a parte de israelitas que também manifestem fé. Esta interpretação harmoniza-se com os símbolos usados na parábola, e com todos os ensinamentos de Paulo acerca do Israel verdadeiro.

Começando com o versículo 28, Paulo mostra que Deus, mesmo assim, chama os judeus. A sua misericórdia ainda é acessível a eles, e Ele ainda os ama. O factor determinante é a fé, tanto para os gentios como para os judeus.

Esta doutrina parecia estranha tanto para os judeus como para os gentios no tempo de Paulo. Os

preconceitos nacionais eram demasiado intensos para permitir uma pronta concepção de uma comunidade religiosa integrada por membros de diferentes nacionalidades. Paulo dirigiu as palavras finais do capítulo 11 a um mundo que ele sabia que receberia com receio esas ideias revolucionárias:

«Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inexcrutáveis os seus caminhos! Porque, quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a Ele, para que lhe seja recompensado? Porque d'Ele, e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele, eternamente. Amen.» Rom. 11:33-36.

Paulo inicia o capítulo 9 de Romanos com uma exclamação de angústia, e conclui o capítulo 11 — e a parte doutrinária do seu livro — com um glorioso louvor. É estranho que tenha manifestado tamanho entusiasmo na conclusão da sua argumentação? Paulo tinha demonstrado que «Deus é abundantemente capaz de transformar o coração do judeu e do gentio igualmente, e conceder a todo o crente em Cristo as bênçãos prometidas a Israel». Por certo isto constitui razão mais do que suficiente para encher de gozo quem quer que seja.

ALMA LIBERTA

Ó quanto já minh'alma está liberta,
Que um vivo amor de Jesus levo a fio,
Sem causa, juntamente choro e rio,
Dum amor que em Seus braços já me aperta.

Sem Ele tudo sinto um desconcerto;
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando.
Num dia acho o milénio; e é de jeito
Que em mil anos não posso achar um dia.

Se me pergunta alguém porque assim ando,
Respondo que não sei! Porém, suspeito
Que só de em vós ouvir falar, Senhor.

António A. Catarino
Março 1977

CONGRESSO DA JUVENTUDE ADVENTISTA FLORENÇA-ITÁLIA 11 a 14 de Agosto de 1977

Realiza-se nesta data, e em Florença, o 2.º Congresso da Juventude da União Sul-Europeia dos Adventistas do Sétimo Dia. Será, sem dúvida, um acontecimento de carácter espiritual que interessará todos os nossos jovens. O lema escolhido é o versículo 11 de Actos 9: «**Levanta-te e desce à rua**»; e o propósito do congresso resume-se a duas palavras, «Evangelificação e Serviço».

Quando Jesus diz aos seus discípulos «Ide e anunciai o Evangelho», eis que recai sobre a Igreja e sobre a Juventude uma responsabilidade, que não é pequena, de levar esta mensagem ao mundo que nos cerca. Por isso, os jovens são convidados a levantar-se, erguer-se e, então, sair à rua para proclamar o Evangelho.

O Congresso, pois, é um meio de crescimento espiritual, pelo contacto com outros jovens e também pelas mensagens que terão oportunidade de ouvir.

A viagem para Florença será, em princípio, feita de comboio e custará, juntamente com a inscrição e alimentação no Congresso, a importância de Esc. 5 500\$00.

Se alguns desejarem ter cama no comboio, será paga separadamente. É também, da responsabilidade individual a alimentação no caminho.

A idade normal é de 17-30 anos. Os adultos que às vezes gostam de assistir a Congressos da Juventude poderão inscrever-se, também, mas condicionadamente, pois não sabemos com quantos lugares poderemos contar.

As inscrições fazem-se em boletim próprio que pode ser obtido nas sociedades M. V. locais ou neste Departamento, devidamente preenchido e acompanhado de 300\$00. Deve dar entrada o mais depressa possível neste Departamento.

A restante importância deve dar entrada numa vez, ou em prestações, até 15 de Junho.

Qualquer informação poderá ser prestada pelo

DEPARTAMENTO M. V.

Rua Ilha Terceira, 3, 3.º — LISBOA 1

POR RECOMENDAÇÃO DO CONSELHO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA, OS EDITORES DA REVISTA ADVENTISTA DECIDIRAM PUBLICAR NA ÍNTEGRA O DOCUMENTO IMPRESSO NAS PÁGINAS QUE SEGUEM E QUE REPRESENTA UMA DECISÃO HISTÓRICA TOMADA PELO CONSELHO ANUAL DA CONFERÊNCIA GERAL, NA SUA ÚLTIMA SESSÃO.

(Separata da «Revista Adventista» de Junho de 1977)

RESOLUÇÃO OU REVOLUÇÃO?

UMA RESOLUÇÃO DO CONSELHO ANUAL QUE PODERÁ MODIFICAR O CURSO DA IGREJA

Decisão do Conselho Anual sobre Evangelismo e a Terminação da Obra de Deus

O exame da nossa história, da nossa teologia e da providencial liderança de Deus fazem com que se aprofunde a nossa convicção de que o objectivo singular desta organização global, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, é proclamar a todo o mundo o evangelho eterno de Jesus Cristo no contexto das três mensagens angélicas de Apocalipse 14, as quais, em adição às doutrinas cardinais da igreja cristã, encarnam as verdades distintivas do santuário e da justificação pela fé. A Igreja existe com o objectivo de tocar vidas com acção redentora, ensinando novos e velhos como viver no mundo complexo de hoje como Jesus Cristo viveu há dezanove séculos e, em seguida, desenvolver esta relação salvadora crescendo na graça e testemunhando a outros, partilhando com eles o evangelho eterno.

Como segmento final da verdadeira Igreja de nosso Senhor, que engloba os séculos, cremos que a nossa missão e mensagem devem ser factores decisivos no eterno julgamento de Deus dos milhões de habitantes da

terra, antes da destruição final de Sanatás e do pecado. Cremos também que Deus ainda nos usará para atingir parlamentos, palácios, legislaturas e a população do mundo com a Sua última mensagem e assim sacudir a condição pecadora da terra para que os seres humanos se unam com o remanescente leal a Deus e recebam o Seu selo ou se voltem contra esse remanescente e recebam a marca da besta. Cremos que somos o último desafio ao anticristo, e que, na última geração da terra, esta Igreja será forçada a levantar-se contra as legiões satânicas e, apesar de toda a oposição, sair vencedora. Quando Jesus declarou que «todo o poder Me é dado no céu e na terra», Ele queria dizer que nenhum inimigo poderia de qualquer forma atravessar-se no caminho da Igreja conquistadora. «Enfraquecida e defeituosa como possa ser (a igreja), é o único objecto do Seu supremo cuidado. ... Ele comissiona os Seus anjos para dar ajuda divina a toda a alma que vem até Ele em arrependimento e contrição.»

Mas, embora reconheçamos que a Igreja de Deus será finalmente vitoriosa, cremos firmemente que podemos e devemos obter agora vitórias preliminares, se obedecermos sem reservas à vontade revelada de Deus. Será possível que, da mesma maneira que o antigo Israel

gastou sem necessidade energia e tempo preciosos no deserto quando poderia ter gozado as bênçãos de Canaã, nós hoje estejamos seguindo um caminho que retarda a nossa entrada no paraíso prometido? É provável que os maiores inimigos da Igreja são a apatia e a rebelião existentes dentro dos seus próprios muros. Desde o momento em que reconhecemos que nenhum inimigo pode opôr-se com êxito à Igreja (desde que ela seja pura e íntegra), devemos também reconhecer que o ataque de Satanás no interior é um factor com que a Igreja tem tido sempre que contar. As grandes igrejas reformadas estão-se desintegrando, não por causa de oposição externa, mas interna. Tem havido uma trágica perda das suas razões de existir e da vontade para prosseguir nos objectivos originaes.

Os Adventistas do Sétimo Dia continuam a afirmar que a sua visão permanece clara e forte. Seríamos, porém, menos do que honestos se não reconhecessemos que a Igreja Adventista hoje se encontra no meio de uma batalha semelhante à que travaram outros grandes movimentos através da história. Recai sobre nós, dirigentes, o dever de examinar cuidadosamente o objectivo central desta Igreja, o progresso que estamos fazendo em terminar a obra de Deus e até que ponto estamos mantendo a Igreja no seu devido curso.

Satanás poderia facilmente triunfar sobre esta Igreja se conseguisse obscurecer este objectivo ou levar uma igreja adormecida a crer que ela está a atingir este objectivo enquanto se ocupa em fazer muitas outras coisas dignas de atenção mas de somenos importância e que ficam muito aquém deste objectivo. O nosso perigo pode muito bem ser o da proliferação de actividades secundárias. Contudo, apesar do nosso fracasso humano, animemo-nos uns aos outros com a certeza de que trabalharmos em sociedade com Deus.

Precisa-se urgentemente:

Acção decidida e sem precedentes

A maior parte dos membros e dos ministros reconhecem que estamos enfraquecidos por uma condição laodiceana na Igreja. Recentemente um dos nossos dirigentes falava a cinquenta ministros e, no curso da sua palestra, pediu que se manifestassem. A sua primeira pergunta foi: «Quantos de vós acreditais que a igreja na América do Norte está terminando a obra de Deus na terra, e que, num dado espaço de tempo, o que quer que ele seja, a obra de Deus será na realidade terminada?». Esta pergunta criou uma atmosfera desconfortável, mas nem uma só mão se levantou. A sua segunda pergunta foi: «Quantos de vós acreditais que a igreja está a seguir um plano de 'manutenção' e não está avançando realmente na direcção da terminação da obra de Deus na América do Norte?». Quase todas as mãos se levantaram.

Estas considerações sugerem problemas de muitas dimensões, alguns dos quais são a seguir mencionados:

1. Realizando os objectivos pastorais mais elevados.

Como ficou demonstrado acima, um número significativo dos nossos ministros sentem-se frustrados porque não estão a realizar os seus objectivos mais elevados. Aquilo que eles crêem em relação à terminação da obra de Deus não parece materializar-se como resultado do

seu ministério. A administração da Igreja Adventista deve estudar este problema com toda a diligência e achar como «libertar» o obreiro pastor-evangelista de tal maneira que lhe permita sentir a glória e a alegria de realizar os objectivos principais da Igreja. Focar a nossa atenção nesta ênfase e buscar implementar pela graça de Deus o Seu conselho constitui o objectivo deste documento.

2. Realizando completamente o plano de Deus.

Ellen White declara que o Espírito de Deus, que iluminará toda a terra com a Sua glória, nunca virá enquanto a maioria da Igreja não estiver cooperando com Deus. Reconhecemos que entre os membros das nossas igrejas há um vasto potencial que não está ainda completamente realizado. O nosso planeado esforço deve ser envolver a todos em harmonia com o plano de Deus.

3. Preocupação pelas almas.

A falta de preocupação pelas almas perdidas que se nota nas nossas igrejas é motivo de grande preocupação para todos. A tarefa dos nossos membros ganharem almas parece a alguns de tal maneira tremenda e difícil que require treino profissional. Os sermões pastorais sobre evangelismo têm tido uma certa medida de êxito, mas ansiamos por uma participação muito mais ampla da parte do nosso povo. O termo **evangelismo** tem adquirido certas variações de sentido que não são escriturísticas e por conseguinte devem ser feitas declarações claras que o restaurem à sua definição original.

4. Equilíbrio apropriado entre o pessoal que trabalha no exterior e o pessoal de escritório.

Embora deva reconhecer-se o facto que devemos escolher os nossos dirigentes administrativos e departamentais entre os obreiros melhor qualificados, devemos admitir que ao fazer isto poderemos enfraquecer em vez de fortalecer a área da obra onde as almas são na realidade ganhas. A Igreja deve buscar com diligência e fidelidade restaurar o corpo básico da força evangélica. Ao mesmo tempo, ela deve também buscar fazer com que todos os obreiros adventistas em todas as categorias se tornem evangelistas e levar os membros de nossas igrejas a unir-se a eles na determinação de prioridades, normas e objectivos novos para realizar a nossa tarefa de terminar a obra.

5. Normas, culto familiar e estudo pessoal da Bíblia.

A Igreja tem razão para estar preocupada com o quase desaparecimento das normas de recreação, vestuário e moralidade entre nós. Inquéritos levados a cabo em escolas secundárias, colégios, igrejas e congressos regionais indicam que, pelo menos na América do Norte, existe uma grande necessidade de uma ênfase especial e esforço contínuo para incentivar o estudo pessoal da Bíblia e o culto familiar nos lares adventistas. Creemos que a negligência nestas áreas tem contribuído para um declínio inevitável da força espiritual da Igreja. Ainda mais básico do que isto é a falta de propósito e objectividade evangélica que tem removido em grande medida o ímpeto para uma profunda espiritualidade entre nós. Num sentido trágico estamos seguindo as pegadas da primeira igreja que, depois da morte dos pais apostólicos, se acomodou ao paganismo e pouco a pouco o adoptou.

Estamos convencidos de que, se um sentimento de missão e decisão para evangelizar o mundo de uma forma sem precedentes for colocado diante da Igreja através de uma liderança agressiva, testemunharemos um reavivamento e uma reforma verdadeiros.

A seguir à restauração dos endemoninhados, Cristo enviou-os a contar a outros a história da sua salvação. O comentário de Ellen White sobre esta experiência é extremamente significativo. «É trabalhando para espalhar as boas novas da salvação que nos aproximamos do Salvador.» — DTN 340. O Pentecostes ensina-nos de forma impressionante a mesma verdade básica. Cremos que a chuva serôdia será derramada e que a experiência dos discípulos de Jesus no cenáculo se repetirá quando dirigentes e leigos do nosso movimento, como fizeram os discípulos, orarem «com intenso fervor por habilidade para contactar os seres humanos. ... Os discípulos sentiram a sua necessidade espiritual e pediram ao Senhor que lhes desse a santa unção que os capacitaria para a obra de salvar almas. Eles não pediram uma bênção meramente para si mesmos. Sentiam o peso da salvação das almas». — AA 37.

Certamente que este sentimento de urgência e de amor pelas almas dos perdidos tem de galvanizar os nossos corações antes de podermos receber as poderosas bênçãos da chuva serôdia. Além disso, esta preocupação pelas almas dará propósito ao nosso estudo da Palavra e às nossas devoções familiares.

6. Porque tem sido retardada a vinda de nosso Senhor?

É com intenso pesar que reconhecemos a demora da vinda do Senhor. Há muito já que o povo de Deus deveria estar no reino. A nossa insubordinação, a nossa apatia espiritual, a nossa indiferença com relação à urgência de ganhar almas pessoalmente, como dirigentes e membros, o nosso fracasso em colocar as coisas principais em primeiro lugar, têm retardado a vinda de nosso Senhor. A geração adventista actual pode, com a bênção de Deus, ser a geração que se levante e termine a obra de Deus e ponha fim à tragédia que é a demora da vinda do Senhor.

O Verdadeiro Problema

O verdadeiro problema que a direcção da Igreja de Deus enfrenta é se somos suficientemente honestos para tomar uma acção decisiva agora para vencer a inércia da Igreja e assim fazê-la levantar-se com santa coragem e fé para terminar a obra de Deus em todo o mundo. O que está em jogo é a missão da Igreja e se os poderosos apelos dados pelo nosso presidente da Conferência Geral para reavivamento e reforma, nos quais todos partilhámos, serão ou não realizados no contexto da maior arremetida redentora da nossa história!

Acção administrativa é urgentemente necessária para reganhar este glorioso objectivo cristão. A essência da justificação, demonstrada por uma fé que opera, é evangelismo, reavivamento e salvação. Esta obra tem de penetrar todos os recantos da igreja. Nestes últimos dias, somos chamados a fazer aquela espécie de trabalho sobre o qual o Senhor possa claramente derramar a Sua inteira bênção. É tempo da chuva serôdia e da terminação da obra. Nós, dirigentes, temos permitido que as pressões

da nossa Igreja e a influência do povo e os programas nos tenham afastado do nosso trabalho central. Pode bem ser que estejamos debaixo da condenação do Céu por não termos avançado, corajosa e fielmente, para a terminação da obra de Deus através de evangelismo directo, e também porque, devido à atitude do «nada de novo» ou «não vale a pena», os apelos para reavivamento não têm sido seguidos pelos resultados que Deus promete.

«Tudo o que os apóstolos fizeram, cada membro de igreja hoje deve fazer. E nós devemos trabalhar com tanto maior fervor e ser acompanhados por uma medida tanto mais ampla do Espírito Santo, quanto o aumento da iniquidade requeira um apelo mais decidido para o arrependimento. ...

«Agora, quando o fim de todas as coisas está chegando, não deveria o zelo da igreja exceder o próprio zelo da igreja primitiva?» — 7 T 33.

«... se os agentes humanos tão somente cooperassem com os divinos, muitas, muitas almas seriam ganhas para a verdade. Mas o professo povo do Senhor tem estado a dormir junto ao trabalho que lhe foi designado. ...» — 9 T 46.

Plano de Acção

As nossas palavras são de apreço para os nossos dirigentes que nos precederam e que corajosamente, sob a direcção de Deus, puseram os fundamentos sobre os quais agora procuramos construir. Ellen White disse-o com grande beleza quando escreveu: «Passando em revista a nossa história, percorrendo todos os passos de nosso progresso até ao estado actual, posso dizer: 'Louvado seja Deus!' Quando vejo o que Deus tem executado, encho-me de admiração por Cristo, e de confiança n'Ele como dirigente. Nada temos a recear no futuro, a não ser que nos esqueçamos do caminho pelo qual Deus nos conduziu.» — TM 31.

Compete-nos a nós agora determinar quais os passos a dar a fim de conferir prioridade absoluta ao evangelismo a todos os níveis e em todas as frentes. Para fazer isto, teremos de abandonar certas áreas a que actualmente damos prioridade e que consomem o nosso tempo e atenção e nos libertarmos para Deus em evangelismo dinâmico. Se continuarmos nesta condição tornámo-nos cada vez mais as vítimas da miscelânea da igreja, reagindo em vez de agir. Assim o exprimiu certo escritor: «Estamos tão ocupados a fazer o urgente que não temos tempo para fazer o importante.»

Um esforço diligente foi iniciado para focalizar e coordenar os talentos e as energias ganhadoras de almas de toda a Igreja. Este progresso em condicionamento aproximou-nos do nosso objectivo: «o envolvimento de cada membro». Os nossos Conselhos Anuais, através de debates repetidos, apelos, estudos e sessões de oração, têm dirigido as nossas mentes para um impulso total em reavivamento, reforma e evangelismo. Durante este período temos testemunhado um avanço maior em evangelismo do que nunca antes. Reconhecemos, no entanto, que Deus pede uma obra terminada. Por conseguinte, com o nosso potencial de recursos humanos e financeiros e sob a direcção e poder do Espírito Santo, e devido às promessas de nosso Senhor, decidimos que o evangelho será levado a toda a criatura em todo o mundo.

A tarefa de mover a igreja mundial na direcção de colocar uma prioridade absoluta sobre evangelismo com o conseqüente reavivamento e reforma é tremenda e semeada de dificuldades. A administração conduziu-nos ao ponto em que nos encontramos agora ou então permaneceu neutra quando tendências erradas se estabeleceram. Por isso, convicção e acção administrativas decididas são essenciais agora para programar as prioridades necessárias à terminação da obra de Deus.

Que queremos dizer com a expressão «terminar a obra»? SIGNIFICA UMA OBRA TANTO INTERIOR COMO EXTERIOR — UM POVO SALVO PELA GRAÇA, TRABALHANDO PARA SALVAR OUTROS. É O ALCANÇAR DE TODA A PESSOA NA TERRA COM OS REQUERIMENTOS E AS PROMESSAS DA MENSAGEM DE AMOR E SALVAÇÃO DE DEUS, A FIM DE QUE ESTA GERAÇÃO TENHA A OPORTUNIDADE DE SER RESTAURADA À SUA IMAGEM, AGORA E PARA SEMPRE. ASSIM, «TERMINAR A OBRA» SIGNIFICA UMA COISA: COMUNICAR A MENSAGEM DE DEUS PELO PODER E MINISTÉRIO DO ESPÍRITO SANTO A TODA A POPULAÇÃO DA TERRA A FIM DE QUE DEUS POSSA DAR POR TERMINADA A SUA OBRA. QUANDO ISTO ACONTECER, JESUS VIRÁ. «E ESTE EVANGELHO DO REINO SERÁ PROCLAMADO EM TODO O MUNDO EM TESTEMUNHO A TODAS AS GENTES, E ENTÃO VIRÁ O FIM» (Mat. 24:14).

A luz do exposto, aceitamos o seguinte plano de acção:

1. **Que todos os esforços possíveis sejam feitos para produzir uma compreensão clara e inequívoca, em toda a igreja, acerca da natureza crucial e primordial do evangelismo.**

Todo o evangelismo se centraliza sobre Jesus Cristo, que era e é, o evangelista por excelência. Assim, ser evangelista é ser como Cristo, e o resultado do evangelismo é semelhança com Cristo. A essência da preocupação redentora estava originalmente no coração de Deus e Cristo, e na eternidade do passado o plano da redenção foi decidido entre estes dois Evangelistas. A vida do amado Filho de Deus foi dada para que a humanidade possa ser remida.

Talvez que um dos erros que muitos cristãos cometem é de pensar que o evangelismo é uma questão de opção, uma daquelas funções em pé de igualdade com outras funções na igreja de Jesus Cristo. Este é um engano fatal. A vida da igreja é evangelismo; sem ele a igreja não pode existir. A igreja foi organizada para evangelizar, e a sua única missão é «levar o evangelho a todo o mundo». — AA 9. A igreja que use ou defina mal, que entere ou estrangule a vasta e maravilhosa força chamada evangelismo, corta o seu próprio pulso, porque falha no único propósito da sua existência. Se pudermos permitir que o conceito da prioridade e centralidade do evangelismo penetre toda a acção feita pela Igreja, manteremos sempre a escala de prioridades requerida por Deus. Qualquer actividade dentro da Igreja que ameace ou substitua o evangelismo é seguramente um instrumento satânico e é ilegítima. A saúde e o bem-estar da Igreja são síncronos com o seu fervor e êxito evangelísticos.

«A obra evangelística de abrir as Escrituras aos outros, advertindo homens e mulheres daquilo que está para vir ao mundo, deve ocupar, mais e mais, o tempo dos servos de Deus... O Senhor determinou que a proclamação

desta mensagem fosse a maior e a mais importante obra no mundo, para o presente tempo». — Ev 17, 18.

«A nossa preocupação máxima não deve ser a de levantar fundos, mas a de salvar almas.» — 9T 85.

A prioridade do evangelismo torna imperativo defini-lo claramente e manter esta definição continuamente perante toda a Igreja.

EVANGELISMO É A COMUNICAÇÃO DOS ELEMENTOS ESSENCIAIS DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO NO CONTEXTO DAS TRÊS MENSAGENS ANGÉLICAS DE TAL MANEIRA A TORNAR POSSÍVEL UMA RESPOSTA NOS CORAÇÕES DOS OUVINTES PARA ACEITAREM A PROVISÃO DE SALVAÇÃO DO PECADO FEITA POR DEUS ASSIM COMO DA SUA PROVISÃO PARA A VITÓRIA SOBRE O PECADO!

Há muitos programas e projectos excelentes que podem ser usados com vantagem no contexto pré-evangelístico, tais como os que concernem a dieta, o fumo, a beneficência e outros benefícios sociais. Mas, embora valiosos, se não conduzirem à experiência do novo nascimento em Cristo e à aceitação das doutrinas da igreja remanescente de Deus, consomem o tempo, a atenção e o dinheiro da igreja e do seu corpo de combatentes sem atingir o objectivo final de salvar uma pessoa para a eternidade. Esta salvação inclui uma ênfase muito necessária numa vida melhor, a qual engloba a restauração do homem no seu todo.

«Os princípios da reforma da saúde estão fundados na Palavra de Deus. O evangelho da saúde deve estar firmemente ligado ao ministério da palavra. É designio do Senhor que a influência restauradora da reforma da saúde seja parte do último grande esforço para proclamar a mensagem do evangelho.» — MS 259. Ênfase nossa.

«A união da obra semelhante à de Cristo a favor do corpo, e da obra semelhante à de Cristo em benefício da alma constitui a verdadeira interpretação do evangelho.» — Ev 514.

Por conseguinte, através de acção administrativa, deve ser tornado claro por preceito e exemplo que só receberão financiamento os programas da igreja que a ajudem a realizar a sua missão básica. Temos de demonstrar a nossa adesão ao nosso objectivo evangelístico dando-lhe a mais alta prioridade no uso individual ou conjunto, dos nossos talentos, tempo e meios.

«Agora é o tempo em que deve ser dada a última mensagem de advertência... Esforços decisivos têm de ser feitos a fim de apresentar esta mensagem ao povo de modo preeminente. O terceiro anjo deve avançar com grande poder.» — 6T 16.

2. **Que o papel do pastor seja definido com clareza.**

Ellen White fez um comentário significativo sobre o episódio do ministério de Cristo em que um certo homem apelou para o Salvador para corrigir uma injustiça relacionada com a herança de seus parentes.

«A missão do Salvador na terra aproximava-se rapidamente do seu termo. Restavam-lhe apenas alguns meses para completar o que tinha vindo fazer — estabelecer o reino da Sua graça. Contudo o egoísmo humano estava pronto a desviá-lo da Sua obra para se ocupar de uma disputa sobre um pedaço de terreno. Mas Jesus não estava disposto a ser desviado da Sua missão. A Sua resposta foi 'Homem, quem me pôs a mim por juiz ou

repartidor entre vós' — Lucas 12:14. Cristo fez compreender claramente a este homem que esta não era a Sua obra. Ele estava buscando salvar almas. Não se deixaria desviar desta obra para assumir os deveres de um magistrado civil. Quantas vezes é hoje forçado sobre a igreja aquilo que jamais deveria ter permissão de entrar na obra do ministério evangelístico! — 9T, 217.

a) As regras eclesiásticas devem claramente estabelecer que o primeiro trabalho do pastor-evangelista e aquele pelo qual deve dar contas é proclamar o evangelho de Jesus Cristo no contexto das três mensagens angélicas. Isto deve ser realizado através de pregação Bíblica, ensino e testemunho dinâmico em evangelismo pessoal e público, conforme os dons que Deus tiver dado.

«O ministro que é um coobreiro de Cristo terá um profundo sentimento da santidade do seu trabalho... Ele tem em vista um só objectivo — a salvação da (ovelha) perdida.» — OE 16.

«Se os nossos ministros compreendessem quão brevemente os habitantes deste mundo deverão comparecer diante do tribunal divino, haveriam de trabalhar mais fervorosamente para conduzir homens e mulheres a Cristo.» — OE 34.

b) Os pastores que dirigem igrejas devem aceitar a responsabilidade de treinar e organizar TODOS os leigos da igreja para envolvimento em acção pré-evangelística e evangelística eficazes com a assistência da Associação de harmonia com a instrução do Espírito de Profecia. «A igreja de Cristo foi organizada para servir. A sua palavra de ordem é ministrar... Os ministros, médicos e professores cristãos têm um trabalho mais vasto do que muitos têm reconhecido. Eles devem não só ministrar aos membros como também ensiná-los a ministrar... A monotonia do nosso serviço para Deus deve ser quebrada. Cada membro da igreja devia estar envolvido em alguma linha de serviço para o Mestre... Cada igreja devia ser uma escola de treino para obreiros cristãos.» — CBV 148, 149.

«A obra de Deus é retardada pela descrença criminosa no Seu poder para usar o povo comum para levar avante a Sua obra com êxito.» — RH 16 Julho 1895.

c) Os pastores, com a ajuda da direcção da Associação, escolherão e treinarão leigos fortes e capazes para conduzir os vários programas «laterais» necessários, tais como: finanças, construção, manutenção, limpeza, preparação de orçamentos, administração e planeamento de escolas de igreja e certos programas departamentais que a Associação possa promover. Isto deve ser feito a fim de que o pastor possa mais livremente fazer o trabalho para que está particularmente qualificado: ser o líder do povo em ganhar almas e o pastor das ovelhas em testemunho e ministério redentores, tanto pessoalmente como em grupo.

«Tenho sido instruída em relação com a importância de manter os nossos ministros libertos das responsabilidades que devem ser em grande parte levadas por homens de negócios... Aqueles que foram empregados para escrever e falar deveriam frequentar menos reuniões de conselho.» 7T 246, 247.

d) A relação do pastor com os departamentais da Associação deve ser de tal ordem que ele, como dirigente da igreja local, possa esperar o apoio activo e prático dos departamentais. Em vez de submergir o pastor com material promocional, o departamental procurará sempre

tornar o trabalho do pastor mais produtivo mantendo este tipo de material a um nível mínimo eficaz. Ele porá à disposição do programa evangelístico da igreja os seus conhecimentos e talentos. Enquanto que o pastor deve animar e ajudar os programas departamentais, o departamental deve ter sempre em mente que o dirigente evangelístico, com a sua igreja, e no clima de uma prioridade evangelística absoluta, deve ter a permissão de decidir quais os materiais e programas departamentais, com excepção dos projectos recomendados pela Associação, que o capacitarão para ter o máximo êxito nos seus esforços pessoais e nos da igreja. Todos os programas têm de servir a arremetida evangelística da igreja local.

Esta liberdade de escolha dada ao pastor local não visa o enfraquecimento ou a eliminação dos programas mundiais da igreja tais como a Escola Sabatina, a Campanha das Missões, etc. Contudo, o êxito e a responsabilidade dos vários programas, campanhas e objectivos devem ser largamente colocados sob a direcção dos leigos e não sobre o pastor. O benefício resultante deste plano devia abrir novos desafios e dimensões de serviço para os departamentais nas suas relações de treinar e equipar os seus colaboradores nas igrejas locais.

Assim o sistema departamental da igreja servirá como um «fundo de reserva». Este conceito permitirá à direcção da igreja local escolher e usar os programas e materiais para suplementar a sua arremetida evangelística. O papel do departamental da Associação deve ser o de preparar para o uso do campo os melhores materiais e os programas de treino mais eficazes e prover experiência e serviço da melhor qualidade para assitir o pastor e os leigos em terem êxito na grande obra de preparar a ceifa final da terra. Ao se tornarem mais preeminentes a prioridade do evangelismo e a definição do papel do pastor, cremos que haverá uma urgência e um desejo da parte dos pastores para pedir assistência aos departamentais na execução dos programas seleccionados para a consecução do duplo objectivo: ganhar almas e elevar a vida espiritual de cada membro.

3. Que seja definido claramente o papel dos ministros «não pastorais» consagrados ou acreditados.

a) O grande corpo de ministros na Conferência Geral e nas suas divisões, uniões e associações, nas instituições e noutros tipos de trabalho deve dar a prioridade do seu tempo, talento, energia e planeamento à obra de evangelismo, segundo os seus dons, na pregação, no testemunho pessoal e no ensino. A fim de tornar esta prioridade possível, deve ser dada mais atenção às vozes de leigos especializados na estrutura da organização, de modo a que os que foram consagrados ao ministério possam dedicar-se ao ministério.

«As associações devem ter à sua frente homens que amem e temam a Deus — homens capazes, que aprendam na escola de Cristo a ser coobreiros Seus, a levar o Seu jugo e a levantar os Seus fardos. Devem ser companheiros de Cristo na sagrada tarefa de ganhar almas.» — TM 320.

«Quando seguimos os planos designados por Deus somos 'cooperadores de Deus'. Qualquer que seja a nossa posição — presidentes de associação, ministros, professores, estudantes ou membros de igreja — somos

responsáveis perante Deus para usar ao máximo as oportunidades de iluminar os que têm necessidade da verdade presente.» — CP 530.

b) Na Conferência Geral e nas suas divisões, uniões, campos locais e instituições, os dirigentes espirituais dirigirão todas as outras pessoas sob a sua jurisdição, que usufruem o seu sustento da igreja, no esforço de ganhar almas, em cumprimento do conselho inspirado de que TODOS os cristãos sejam canais na condução de almas a Cristo e à maturidade espiritual. (Quando a família de empregados de tempo integral da igreja se envolver em esforço redentor a favor dos perdidos, haverá então esperança em que o resto da igreja entre no mesmo caminho).

c) O presidente da Associação, em oração fervorosa, com o conselho executivo, o conselho leigo da associação, por meio de entrevistas pessoais com cada obreiro, por meio de reuniões de obreiros e dos conselhos de evangelismo das igrejas locais, deve certificar-se de que todos os planos e acções da associação sejam conduzidos na direcção da prioridade do evangelismo e da terminação da obra. Ele deve colocar como supremo objectivo de todas as fases da obra que toda a pessoa adentro do território da associação seja alcançada pela mensagem.

d) A administração da associação lançará o fundamento e criará o clima em todas as igrejas que assista o pastor no desenvolvimento de forte liderança leiga que realize aquelas funções que sirvam para libertar o pastor dos muitos deveres miscelâneos, a fim de que ele possa ser o pastor e líder evangelístico que deve ser.

e) As associações devem fazer planos definidos com todas as igrejas, grupos, escolas sabatinas e instituições para alcançar a cada lar no seu território com as três mensagens angélicas entre este momento e a próxima sessão da Conferência Geral, em Dallas, em 1980.

f) As associações devem fazer planos precisos para que sejam seguidos os nomes de todas as pessoas que foram contactadas através das várias actividades departamentais da igreja. Um dos elos mais fracos da nossa corrente evangelística é o seguimento dos multiplicados milhares, ou milhões, de nomes que têm sido empilhados durante os últimos anos. Acção imediata deve ser tomada para remediar esta situação.

4. Que seja provido financiamento para a arremetida evangelística.

a) Em virtude da prioridade do evangelismo, a associação tomará da sua parte de dízimos retidos pelo menos 10 % anualmente para financiamento evangelístico. As uniões separarão pelo menos 10 % da sua parte de dízimos retidos e adicioná-los-ão aos fundos de evangelismo recebidos da Conferência Geral e partilhá-los-ão com as associações para serem usados em evangelismo de acordo com as directrizes do conselho da união. A Conferência Geral proverá pelo menos 10 % do dízimo recebido na América do Norte como um Fundo de Evangelismo para a América do Norte. Esta percentagem deverá incluir fundos como Reversão de Dízimos para Evangelismo, Evangelismo de Grandes Cidades e apropriações para Rádio, TV e Centro de Filmes. (As outras Divisões designarão para evangelismo uma quantia igual a 5 % da Apropriação Base da Divisão para Evangelismo).

Ao aplicar este plano, define-se o dízimo retido como a diferença entre o dízimo disponível para o campo depois de deduzidas quaisquer percentagens que sejam enviadas para organizações hierárquicas superiores tais como dízimo do dízimo, percentagem da Conferência Geral, percentagem para reforma e percentagem para pequenas associações, mas não incluindo dízimo permutado.

As quantias acima referidas devem ser consideradas as porções mínimas de fundos de dízimo que cada organização deve designar para evangelismo. Se ela puder fazer uma provisão maior do que a indicada, deve fazê-lo. Além de financiar evangelismo directo, estes fundos podem:

1. Tornar possível a utilização de estudantes de teologia, que terminaram o curso mas não estão ainda empregados em evangelismo directo, em áreas ainda não penetradas pela mensagem.

«A abertura de novos campos requiere mais eficácia ministerial do que a que temos agora, e tem de haver meios no tesouro». 9T 250.

«Deveria haver no campo cem obreiros bem qualificados onde agora há apenas um.» — Ms 82, 1904.

2. Assistir na expansão da nossa arremetida pela rádio e a TV (incluindo «cabo-estações», radiodifusão local e publicidade adequada) de maneira tal que as três mensagens angélicas sejam preeminentemente colocadas perante os povos do mundo.

3. Assistir as igrejas na compra e distribuição de uma revista barata contendo toda a mensagem para ser distribuída aos milhões de exemplares. Se na verdade encaramos seriamente o desafio de dar as três mensagens angélicas a toda a criatura até o fim deste quinquênio, isto é o mínimo que podemos fazer.

b) Na América do Norte, todos os projectos ao nível da Divisão serão financiados pela Conferência Geral e pelos fundos que possam ser contribuídos por cada união. A distribuição destes fundos será aprovada por acção do Conselho Anual. Fica implícito que estes fundos recebidos de organizações superiores não serão considerados como uma parte das percentagens mínimas requeridas por este plano.

Esta nova proposta não visa libertar para outros objectivos os fundos que são normalmente canalizados para evangelismo.

«Que a obra não mais seja impedida porque o dízimo tem sido desviado para outros canais além daquele para o qual o Senhor o indicou. Deve ser feita provisão para estas outras linhas de trabalho. Estas devem ser sustentadas, mas não pelos dízimos». 9T 250.

c) Ao nível das uniões e associações a percentagem de fundos designada para este objectivo em 1977 será de pelo menos 4 %, estando implícito um aumento de 2 % por ano até que o alvo mínimo de 10 % seja alcançado. (As divisões fora da América do Norte começarão com 2 % para 1977, aumentando de 1 % por ano até atingir o mínimo de 5 %).

5. Que sejam estabelecidas limitações aos projectos de construção de edifícios.

Uma tentativa séria deve ser feita no sentido de nos tornarmos mais conservadores na construção de edifícios de tal maneira que só sejam construídos edifícios absolutamente essenciais. Os edifícios e o mobiliário devem ser atractivos, funcionais, de boa qualidade e económicos. Demonstramos ao nosso povo e ao mundo que não acreditamos em construções extravagantes como

se visássemos a fazer deste mundo o nosso lar. Devemos lembrar-nos que as únicas coisas que sobreviverão à destruição dos últimos dias são as almas que estiverem preparadas para a vinda do Senhor. Devemos também lembrar-nos que as nossas grandes instituições podem ser, e estão agora sendo, nacionalizadas em muitos lugares do mundo. O único objectivo desta economia é dar a última mensagem a toda a nação, tribo, língua e povo.

«Não é um grande número de instituições, grandes edifícios e ostentação exterior que Deus requer, mas a acção harmoniosa de um povo peculiar, um povo escolhido por Deus, precioso, coeso, a sua vida escondida com Cristo em Deus». 8T 183.

«Não são edifícios grandes e dispendiosos; não é o rico mobiliário; não são mesas cobertas com manjares deliciosos, que darão influência e êxito à nossa obra. É a fé que opera por amor e purifica a alma; é a atmosfera de graça que rodeia o crente, o Espírito Santo trabalhando sobre a mente e o coração, que o torna um cheiro de vida para vida e habilita Deus aabençoar a sua obra». 7T 93.

6. Que seja renovado o apelo ao povo de Deus.

a) Um apelo sem precedentes à acção universal deve ser proclamado pela nossa direcção, com uma nova ênfase sobre os apelos para reavivamento e reforma feitos antes, com um chamado urgente para se levantar e terminar a obra de Deus AGORA!

«Ecoe por nossas igrejas a mensagem do evangelho notificando-as para a acção universal. ... Aqueles que se colocam sob a direcção de Deus, para ser por Ele guiados, aprenderão a constante corrente dos acontecimentos que Ele ordenou. Inspirados pelo Espírito d'Aquêle que deu a Sua vida pela vida do mundo, não mais ficarão na impotência, apontando para o que não podem fazer. Vestindo a armadura do Céu, sairão à peleja, dispostos a agir ousadamente em favor de Deus, sabendo que a Sua onipotência suprirá as suas deficiências.» 7T 14.

b) Liderança positiva por meio de experiência departamental deve prover os programas e materiais necessários que possam ser usados para organizar, inspirar, treinar, equipar e conduzir o vasto exército de membros de igreja em programas que sejam de natureza pré-evangelística, evangelística e pós-evangelística, e que positivamente alcançarem almas para Cristo e a verdade.

c) O Conselho de Evangelismo da Igreja, em cada igreja, deve realizar o seu potencial como «centro de comando» para organizar cada membro e toda a igreja para testemunho pessoal e evangelismo total.

d) Devem criar-se métodos para treinar os leigos talentosos que conduzam a igreja nas áreas como as que se mencionam a seguir, que terão o efeito de libertar o pastor para realizar a sua função específica:

1. — Tesouraria.
2. — Escola de Igreja;
3. — Administração geral da igreja;
4. — Certos programas departamentais.

7. Que sejam alcançadas as áreas não trabalhadas e os grupos especiais.

Cada associação estudará a possibilidade da criação de uma comissão composta por ministros e leigos com a urgente tarefa de estudar a entrada em áreas não trabalhadas (províncias, cidades, secções de cidades) em cada associação, alcançando os ricos e os estrangeiros. Colportores, leigos, reformados e jovens voluntários devem ser recrutados activamente para formar equipas para trabalhar em áreas nunca entradas. Um apelo devia ser dirigido a todos os ministros reformados para ir viver nas áreas onde a igreja necessita de ser fortalecida.

«Em vez de manter os ministros a trabalhar pelas igrejas que já conhecem a verdade, digam os membros das igrejas a esses obreiros: 'Ide trabalhar pelas almas que perecem em trevas. Nós mesmos levaremos a cabo os serviços da igreja'. 6T 30.

«Os irmãos que desejem mudar de local, que tenham em vista a glória de Deus e sintam que uma responsabilidade individual repousa sobre eles de fazer bem a outros, para beneficiar e salvar as almas por quem Cristo não recusou a Sua preciosa vida, deviam ir viver em vilas e aldeias onde haja pouca ou nenhuma luz e onde possam ser realmente úteis e abençoar outros com o seu labor e experiência. Precisam-se de missionários que vão para as vilas e aldeias e levantem o estandarte da verdade, para que Deus tenha as Suas testemunhas espalhadas por toda a terra, para que a luz da verdade possa penetrar aonde ainda não entrou e o estandarte da verdade seja levantado onde ainda não é conhecido. Os irmãos não devem juntar-se por isso lhes ser mais agradável, mas devem buscar cumprir o seu elevado chamado para fazer bem aos outros, para serem instrumentos na salvação de pelo menos uma alma. Mas podem ser salvas mais do que uma». 2T 115.

8. Que os ministros de outras igrejas sejam alcançados.

É tempo de seguir a sério a instrução dada por Deus de que «os mestres do evangelho cuja atenção não foi dirigida para as verdades especiais deste tempo... devem ser os primeiros a ouvir o convite». PJ 230.

«Têm-se cometido erros em não procurar alcançar os ministros... com a verdade. ... Há pessoas honestas por toda a parte a favor de quem deveríamos trabalhar cautelosa, sábia e inteligentemente, cheios de amor pelas suas almas». 5T 580.

«Temos umá obra a fazer pelos ministros de outras igrejas. Deus deseja salvá-los. ... Devemos trabalhar por eles com todo o fervor a fim de que possam obter (a imortalidade). Deus deseja que eles tenham uma parte no Seu trabalho especial para este tempo. Ele deseja que eles estejam entre o número daqueles que estão dando alimento à Sua casa em tempo próprio. Porque não devem eles estar envolvidos nesta obra?

«Os nossos ministros devem procurar aproximar-se dos ministros de outras denominações. Devem orar por e com estes homens, por quem Cristo está intercedendo. Eles têm uma solene responsabilidade. Como mensageiros de Cristo deveríamos manifestar um profundo e zeloso interesse nestes pastores do rebanho». 6T 77, 78.

«Há muitos ministros pregando agora o erro que virão a pregar a verdade para este tempo». Ev 562.

9. Que o ministério evangelístico rádio-TV seja utilizado.

A direcção da divisão norte americana deve usar o Centro de Rádio, Televisão e Produção de Filmes, em Thousand Oaks, Califórnia, para produzir programas ou «spots» de rádio-televisão e audio-visuais que mais eficaz e rapidamente advirtam a população do mundo da próxima vinda de Cristo, e que recomende com urgência a necessidade de uma preparação final. Não devíamos descansar enquanto não encontrássemos métodos apropriados de continuidade que envolvam os membros das nossas igrejas. Programas especiais de TV devem ser criados e produzidos para tirar proveito de ocasiões especiais, como o começo de uma campanha de evangelização ou um feriado nacional.

10. Que uma secção sobre testemunhar seja incluída no capítulo «Declaração de Princípios Fundamentais» no Manual de Igreja.

Visto que testemunhar é uma doutrina de importância capital tanto para o crescimento pessoal espiritual da testemunha como para o cumprimento da ordem de Cristo para alcançar toda a criatura em todo o mundo com as boas novas da salvação, uma secção tratando desta filosofia básica deve ser incluída e/ou fortalecida na nossa Declaração de Princípios Fundamentais, nas Instruções Baptismais e nos Votos de Baptismo, no Manual de Igreja.

Foi mais

VOTADO, Recomendar que as outras divisões adoptem os princípios enunciados neste documento ficando implícito que cada divisão preparará um documento semelhante adaptado às condições no seu campo.

AS TRÊS ÁRVORES



Por Jorge Target

Já alguma vez ouviu esta história antiga e famosa?

Na realidade, é muito conhecida. No entanto, suponho que narrações como esta devem ser sempre atractivas e inspiradoras para cada nova geração.

Seja como for, há muito, muito tempo, num país muito distante do nosso, havia três árvores que cresceram juntas num grande bosque.

A primeira era alta, direita e forte; a segunda era grossa e bonita; e a terceira ... bem, a terceira árvore era baixa, deformada e retorcida, e evidentemente nunca serviria para outra coisa senão lenha.

Cresceram nesse grande bosque durante muitos anos, até que chegou o dia em que vieram os lenhadores para as derrubar e determinar-lhes o uso.

Lançaram um olhar à primeira árvore, e disseram: «Aqui temos o mastro principal de um lindo navio!»

Cortaram-na e alisaram-na cuidadosamente. Pouco depois foi vendida a um construtor de navios que vivia na costa daquele longínquo país, que em pouco tempo a transformou no mastro maior de um magnífico barco. Durante décadas, o navio sulcou os mares então conhecidos e transportou muita carga, visitou muitos portos e experimentou notáveis aventuras, muito numerosas para serem contadas. Até que, em certa noite fatal, durante uma terrível tormenta, o mastro maior se partiu e tombou ... e o barco foi ao fundo, ninguém sabe onde.

E aqueles lenhadores observaram a segunda árvore e disseram: «Aqui temos a madeira necessária para fabricar um móvel de grande qualidade!»

Cortaram-na em cepos e venderam-na a um artífice que vivia na capital daquele país distante. Ele trabalhou-a primorosamente e transformou-a no trono de um rei importante. E esse trono foi polido com os óleos e as ceras mais excelentes, foi parcialmente coberto com ouro da melhor qualidade que se pôde encontrar. Depois foi posto no

centro do palácio real, onde era admirado por todos aqueles a quem se concedia o privilégio de entrar na sala de audiências. Até que certo dia o reino foi invadido e conquistado pelos inimigos do rei e o palácio foi arrasado, e o trono ardeu no meio da destruição geral ... e ficou reduzido a um monte de cinzas fumegantes.

Mas havia ainda a terceira árvore, deformada, retorcida ... e aqueles lenhadores observaram-na por um momento e, suspirando, disseram: «Esta nunca servirá para mais nada senão para lenha!»

Mas como eram pobres e já tinham utilizado da melhor maneira possível as outras árvores do bosque, derrubaram finalmente essa terceira árvore, desbastaram-na toscamente e fizeram o possível por vendê-la por algumas moedas na cidade. Porém a madeira era tão dura, tão terrivelmente retorcida, tão cheia de nós, que foi impossível parti-la, mesmo com as ferramentas mais afiadas. Era simplesmente um tronco inútil, que nem sequer merecia o duro trabalho de fazê-lo em pedaços para ser queimado ... E o homem que o comprou começou a amaldiçoar a sua sorte, até que se lembrou o que poderia fazer com ele.

Levou-o ao depósito da prisão local. O sargento comprou aquela terceira árvore de má vontade, empilhou-a juntamente com as outras e decidiu conservá-la até que viesse a precisar dela.

Isto aconteceu uma semana depois, quando a utilizou juntamente com duas outras cruces, para a execução de três condenados: dois ladrões e um certo pregador que havia andado a inquietar o povo e as autoridades.

Em conclusão, essa terceira árvore, em que foi crucificado o Redentor do mundo é a única de que hoje nos lembramos.

Deus não pode usar apenas os altos e fortes, os que são belos e atraentes, aqueles que ocupam lugares destacados e que gozam a admiração dos outros. Também pode empregar o mais pequeno de todos nós e, com a sua poderosa ajuda, converter-nos em instrumentos de bênção para os nossos semelhantes.

notícias do campo

DR. JOSÉ NUNES BRANCO

(Continuação da primeira página)

Livros do Novo Testamento, que são os mais claros e importantes. Posto tudo na mesa da análise, chegámos à conclusão de que a Verdadeira Igreja Cristã será aquela que **ensine** e **pratique** a doutrina de Cristo, de S. Pedro e dos restantes Apóstolos. Ficou tão entusiasmado com esta descoberta que, nos seus ardores de neófito do Evangelho, estabeleceu outra longa polémica pública com elementos católicos sobre este assunto. Inútil é dizer que os tais elementos católicos não puderam provar a estadia e vivência de S. Pedro em Roma.

Entretanto passou a frequentar a nossa humilde congregação — muito mais humilde que a actual! — e prestar culto a Deus conosco.

Em meados de 1932, mudou a sua residência para Lisboa no intuito de arranjar trabalho que lhe desse o seu pão e o da sua Família e, sobretudo, oficializar os seus diplomas da Gregoriana de Roma. Iniciou uma vida de trabalho exaustivo e ao mesmo tempo cursava na Faculdade de Letras. Há 45 anos os estudantes não gozavam das actuais regalias, não havia estudantes-trabalhadores nem exames «ad doc». Passado pouco tempo, fui transferido para a evangelização de Lisboa, pastorado da respectiva congregação e direcção da obra adventista em Portugal, em que gastei 18 anos de trabalhos tão cansativos como os dele mas muito menos lucrativos. Continuámos as nossas relações de Portalegre e, sempre que as suas actividades múltiplas lhe permitiam, vinha unir-se conosco no culto a Deus na Igreja Central. Cooperei até na qualidade de membro do coro da nossa Igreja!

Decorreram anos e, sendo já professor metodólogo de História no Li-

ceu de Pedro Nunes, nos fins da Segunda Guerra Mundial, deu-nos a alegria de pedir o baptismo. Depois de baptizado, senti desejo de tomar parte activa na evangelização adventista e sair do ensino oficial. Tivemos oportunidade de lhe dar o cargo de professor do nosso Seminário em Portalegre onde, dali a pouco, foi director com gerais simpatias dos colegas e, principalmente, dos estudantes que deste modo reagiam à sua proverbial amizade e bondade.

Teve ele e tivemos nós a infelicidade de ver encerrado o Seminário pelo Ministério da Educação, sob pretexto de nele haver dois sexos.

Fosse como fosse, o Dr. Nunes Branco regressou a Lisboa e, como pouca probabilidade havia de reabrir o Seminário nos moldes americanos, com os dois sexos hoje admissíveis, achou por bem reingressar no ensino oficial, em que chegou ao cargo de Secretário do Liceu de D. João de Castro que manteve até à reforma obtida há muito pouco tempo. Entretanto continuou a cooperar em diversas actividades adventistas, fazendo cultos e conferências quando lhe eram solicitados, bem como em outros trabalhos de gabinete. Acabou os seus dias como professor do colégio adventista «Infanta D. Joana».

Achamos bem registar: nesta época e neste pobre país em que superabundam os falsos doutores, Nunes Branco era licenciado em Filosofia e doutorado em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma, licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Universidade de Lisboa e professor efectivo de ensino liceal. Ocupava ainda o cargo de 1.º Ancião da Igreja Central.

Foi acompanhado à sepultura no Cemitério de Benfica, no dia 9 de Maio,

pelos seus colegas entristecidos, muitos dos seus alunos e seus familiares, além do corpo pastoral, empregados de gabinete, multidão de membros das Congregações na área de Lisboa, muitos dos quais velaram o seu cadáver no Templo Adventista, na rua Joaquim Bonifácio. Fazemos votos de que esta manifestação de simpatia e tristeza espontâneas conforte a Família enlutada em que contamos como nossas prezadas irmãs na Fé, sua Viúva, Cunhada e Filhos, pelo menos.

Que manteve até ao fim da vida a sua Fé no Senhor, no Evangelho e na Igreja Adventista, podem prová-lo os nossos irmãos que, mesmo no dia anterior à sua morte, oraram junto dele e com ele. E, sendo assim, penso ser bem terminar estes singelos traços biográficos de que sou testemunha ocular, porque uma biografia completa seria demasiado longa, relembRANDO aquelas santas palavras das Escrituras:

«E OUVI UMA VOZ DO CEU QUE DIZIA: BEM-AVENTURADOS OS MORTOS QUE, DESDE AGORA, MORREM NO SENHOR. SIM, DIZ O ESPIRITO, PARA QUE DESCANSEM DOS SEUS TRABALHOS E AS SUAS OBRAS OS SIGAM» (Apoc. 14:13).

A. Dias Gomes

Nota de Redacção

O Dr. Nunes Branco durante mais de 25 anos colaborou na redacção da Revista Adventista, Saúde e Lar e outras publicações da Igreja, tendo sido durante vários desses anos o seu único responsável.

EXTERNATO ADVENTISTA DE OLIVEIRA DO DOURO

No dia 6 de Outubro de 1976, de novo se iniciaram as actividades escolares no nosso Externato de Oliveira do Douro.

Este ano, com melhores condições do que no ano lectivo findo, pois, em princípio, as obras já estão terminadas e as crianças já dispõem de um pátio acimentado e de um ginásio para os dias mais chuvosos e frios.

Foi acrescentado mais um ano ao ensino secundário e estamos fazendo planos para acrescentar um novo ano no próximo ano lectivo.

Também o corpo docente conta com novos elementos. Dois professores para o ciclo e uma nova professora para a primária, Leonor Silva, aliás já professora da obra nas nossas missões angolanas, há vários anos.

A primária também tem beneficiado do auxílio de alguns jovens cívicos,

que com a sua boa vontade, nos têm ajudado.

Este ano a cantina já funciona fornecendo almoços, às crianças e professores.

Contamos com a colaboração do nosso Irmão António Marques Teixeira recentemente vindo de Angola, que entre outros serviços se encarrega do transporte dos alunos.

As nossas actividades têm-se mantido dentro do ritmo normal. As aulas iniciam-se às nove horas. A nível de todas as turmas das 9 às 9.30 horas, há uma aula de Bíblia acompanhada de actividades interessantes que despertam a atenção da criança e a levam a apreciar o estudo das Sagradas Escrituras.

A partir das nove e meia iniciam-se as aulas, propriamente ditas. As actividades diárias terminam às cinco horas.

No primeiro período realizámos uma pequena festa de Natal a nível interno. Todas as crianças participaram com prazer, fazendo pequenas peças de teatro, declamando poesias, cantando hinos alusivos à quadra festiva, etc.

Temos realizado com relativa frequência reuniões de pais e professores onde têm sido debatidos problemas importantes para a formação dos jovens do nosso colégio.

O segundo período decorreu calmo. Têm-se realizado visitas de estudo a nível de turma. No entanto, estamos planeando um passeio escolar, no qual confraternizarão professores e alunos.

Com a ajuda de Deus todos os trabalhos têm decorrido sem qualquer anormalidade.

Confiamos que Ele nos ajudará no objectivo que temos em vista, ou seja a boa formação espiritual dos jovens que nos têm sido confiados.

MISSÃO - 77 NA IGREJA DO PORTO

Desde quarta-feira dia 9 de Março até domingo dia 27 do mesmo mês, decorreu no Porto a campanha anual de Evangelização denominada, desta feita, MISSÃO-77. Dirigiu esta campanha o Pastor Juvenal Gomes secretário-tesoureiro da União Sul Europeia o qual se deslocou de Roma expressamente para o efeito. Desde o princípio deste ano que a Igreja do Porto sabia quem iria presidir à Campanha anual. Deste modo foram feitos os melhores preparativos tendo em vista conceder o maior e o mais justificado apoio ao nosso irmão pregador que vinha de longe. Foram nomeadas várias comissões de trabalho as quais se encarregaram de trabalhos específicos e, quando MISSÃO-77 começou, podemos dizer que começou uma campanha onde toda a Igreja alegremente estava envolvida. Esta Campanha teve duas fases: A 1.ª que durou desde quarta até sábado com mensagens preparativas e de carácter missionário. A 2.ª fase em que as nossas visitas receberam uma Bíblia com a qual puderam seguir os estudos a qual lhes passaria a pertencer se estivessem presentes em doze dos quinze estudos em que se inseria a 2.ª fase da Cam-

panha. Constatámos com alegria que as reuniões foram muito bem frequentadas e, nalguns dias pudémos ver a igreja completamente cheia incluindo a galeria. Contámos mais do que uma centena de visitas presentes em média, número que, até, ultrapassou o dos nossos crentes. No final entregámos quase 50 Bíblias às nossas visitas. No Sábado dia 26 teve lugar uma excelente cerimónia baptismal no decurso da qual se entregaram ao Senhor onze preciosas almas na sua maioria jovens cujas idades rondavam entre os 18 e os 25 anos. Não pudémos esquecer o belo hino «Na primavera da vida dá teu coração a Jesus». O Pastor Juvenal Gomes fez um tocante apelo e então quase 70 pessoas ergueram a sua mão manifestando o desejo de passarem pelas águas baptismas. Logo essas pessoas escreveram seu nome e morada em cartões que estão agora nas mãos da Sociedade Missionária e essas pessoas vão ser visitadas e amparadas no caminho da Fé.

Desejamos agradecer a todos os irmãos que tiveram uma parte efectiva nesta magnífica Campanha desde aqueles que dirigiram os programas infantis onde dezenas de crianças nos deram

sempre o prazer da sua presença apesar de alguns dias chuvosos e frios; até ao Grupo de Oração que todas as noites esteve orando pelo Pregador, passando pela Comissão Musical que foi responsável pelos Coros e demais intervenções de carácter musical; e não olvidando de modo algum os nossos jovens recepcionistas e as nossas irmãs que dedicadamente guardaram as roupas dos que vieram assim como os responsáveis pelo audio-visual e os nossos caríssimos pregadores leigos que estiveram noite após noite, na tribuna, com os pastores responsáveis. As últimas palavras são de louvor a Deus pela presença do Pastor Juvenal Gomes no nosso meio. O seu esforço, o seu entusiasmo e o seu desejo de fazer progredir a Obra Adventista nesta Igreja foram manifestos. Permita o Senhor que, continuando de mãos dadas, firmes na Fé e ardorosos no trabalho, os nossos irmãos aqui no Porto — todos juntos — possamos levar o Evangelho mais intimamente nos lares de todos aqueles que nos visitaram nesta boa campanha MISSÃO-77.

José Manuel de Matos

ACTIVIDADES DOS JOVENS

SEMANA DE ORAÇÃO E REAVIVAMENTO

O tema das mensagens desta semana especial destinada à juventude adventista, foram as Bem-aventuranças. Através destas mensagens foram apresentadas a possibilidade de um novo estilo de vida, numa época em que os valores morais são depreciados, pela maioria das pessoas.

As reuniões tiveram lugar em quase todas as nossas igrejas com boa assistência.

Serviram, assim, para chamarem os nossos jovens a uma vida de harmonia

com os princípios imutáveis da palavra de Deus.

PASSEIO — CONFRATERNIZAÇÃO A FIGUEIRA DA FOZ

No domingo seguinte ao terminus da semana de oração realizou-se um passeio de jovens de várias igrejas do país, especialmente do norte e centro.

A reunião teve lugar na Figueira da Foz onde se concentraram cerca de 700 jovens e adultos.

Antes do almoço os jovens realizaram uma saída missionária para obter

alunos para a Escola Bíblica Postal. Através de interessantes experiências no contacto com as pessoas foram conseguidos duzentos nomes de pessoas interessadas.

Então, cerca das 15 horas realizou-se no salão da Associação Comercial uma reunião com música, cânticos e poesias interpretadas por jovens de cada uma das igrejas presentes.

Foi agradável, mais uma vez, encontrar jovens e irmãos de várias localidades que ali foram confraternizar.

Os jovens realizaram com este passeio um duplo propósito-social e missionário.

CONGRESSO PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

Realizou-se de 21 a 24 de Março do ano em curso, em Amesterdão, um Congresso Internacional da Associação Religiosa em que tomaram parte ilustres individualidades de vários países.

Delas se destacam o Dr. Philip Potter, Secretário-Geral do Concílio Mundial das Igrejas; Dr. Trygve Leivestad do Supremo Tribunal de Justiça da Noruega; Dr. Anastase N. Marinos do Supremo Tribunal de Justiça da Grécia; Dr. M. Petkovitch e Dr. I. Lazic, director dos cultos da República da Sérvia e Croácia respectivamente; Dr. Andrew L. Gunn Director nacional da repartição de separação de Igreja e Estado; Mons. Pietro Pavan perito do Concílio Vaticano II; Dr. André Chouraqui antigo Maior de Jerusalém, etc.

Uma gama tão variada de individualidades apresentaram os pontos de vista das entidades que dirigem sobre o agudo problema da liberdade religiosa que os nacionalismos exarcebados não permitem usufruir nalguns países do mundo.

Esta associação publica uma revista em três línguas — francês, alemão e holandês.

Estiveram de visita a Portugal de 27 de Abril a 3 de Maio dois dirigentes desta associação — Dr. Pierre Lanarès, Secretário-geral e Dr. R. W. Nixon, secretário associado.

Portugal que caminha a passos largos para uma integração europeia, não pode alhear-se dos princípios de liberdade religiosa que são características desses países europeus. O Dr. Pierre Lanarès proferiu uma conferência sobre «As Igrejas cristãs e a protecção internacional da Liberdade Religiosa» no salão de conferências do Hotel Altis, no dia 2 de Maio, pelas 21 horas.

A integração europeia não diz respeito somente à economia mas deve aceitar um estilo de vida em que as liberdades individuais sejam completamente respeitadas. Portugal precisa ainda de subir vários degraus neste ponto. Deve atingir-se a igualdade de tratamento perante o estado, independente da sua representatividade; igualdade na isenção de impostos, tanto

para os organismos como para o corpo pastoral, igualdade de tratamento no uso dos meios de comunicação social — jornais, rádio e TV; igualdade de uso de lugares de reuniões públicas ou estatizadas (permitem-se para fins políticos mas não religiosos); respeito pelo dia de descanso das minorias, permitindo ausência de aulas, trabalho, serviço militar a fim de assistirem aos actos de culto; igualdade na assistência espiritual no exército, prisões, hospitais, etc. Não existe em Portugal uma repartição onde os assuntos da Liberdade Religiosa sejam tratados.

Por vezes pensa-se que há Liberdade Religiosa quando se dá autorização para uma igreja abrir as suas portas, existência de ministros ou a possibilidade de realizarem actos de culto e propaganda. Mas cremos que o conceito de Liberdade Religiosa é mais vasto e abrange muito mais.

É salutar, no entanto certas mudanças que se estão operando, especialmente no problema dos objectores de consciência cujo estatuto esperamos possa corresponder às expectativas gerais.

notícias
do campo

caixa de perguntas

A CASA DE JESUS

Em João 1:38, lemos que os discípulos perguntaram a Jesus: «Onde moras?» E Ele respondeu: «Vinde e vede». Teve Jesus um lar aqui na terra? Referia-se Ele à sua própria casa ou à dos seus pais?

A Bíblia pouco fala dos lugares de residência de Cristo. Durante certo tempo, viveu com os pais. Em contrapartida, não podemos afirmar que tenha tido a sua própria casa, porque as Escrituras em parte nenhuma o dizem. Depois do seu baptismo, Jesus viajou de um lugar para outro, sempre dentro dos limites da Palestina, possivelmente sem se afastar de Nazaré mais de 160 quilómetros.

Podemos supor que Lázaro e as suas irmãs não eram os únicos que hospedavam Jesus em casa. Pedro, que vivia em Capernaum e era casado (Mat. 8:14; I Cor. 9:5), terá possivelmente recebido Jesus muitas vezes no seu lar.

Quanto ao texto de João 1:38, a frase traduzida por «onde moras», no grego original também quer dizer «onde te hospedas», podendo referir-se a um alojamento temporário. Esta conversação entre Cristo e os primeiros discípulos teve lugar pouco depois do baptismo de Jesus, portanto o sítio a que o Senhor se referiu na sua resposta devia encontrar-se perto do rio Jordão, na Judeia. Duvida-se de que se tenha referido ao seu lar em Nazaré, situado a uns 100 km para o noroeste. É mais provável que tenha feito alusão à sua residência temporária na região do Jordão, onde João estava baptizando. Essa residência temporária até pode ter tido como tecto o céu aberto.

Como é extraordinária a condescendência de Jesus! Poucos temos vivido alguma vez numa condição tão humilhante como aquela em que o Mestre viveu. «Porque já sabeis a graça do nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre, para que pela sua pobreza enriquecésseis» (II Cor. 8:9). — B. A. E.

JUDAS

Se Judas foi destinado a ser traidor, então não teve culpa, mas foi mero instrumento para executar um plano divino. Não é verdade?

De forma alguma foi Judas predestinado a trair. Em lugar algum da Bíblia se diz que Deus determinara a traição de Cristo. Ela fora apenas prevista. Ocorreu. O próprio Jesus sabia de antemão quem o havia de trair e revelou o facto antes de ocorrer. Ler Lucas 22:19-23; Mat. 26:20-25; Mar.

14:17-21; e João 13:21-30. O plano divino não obrigava ninguém a trair Jesus, mas Ele sabia que isto iria acontecer e confirmou-o. O traidor agiu livre e conscientemente na sua acção infeliz e por isso foi culpado. Diz o Espírito de Profecia: «O Salvador lia o coração de Judas. Sabia as profundezas de iniquidade a que, se o não livrasse a graça de Deus, havia ele de imergir. ... Abrisse ele o coração a Cristo, e a graça divina baniria o demónio do egoísmo, e mesmo Judas se poderia tornar um súbdito do reino de Deus». — O Desejado de Todas as Nações, pág. 215. Agiu, portanto conscientemente.

A MULHER DE CAIM

Depois de Caim ter morto o seu irmão Abel, fugiu da sua família, «e habitou na terra de Nod... E conheceu Caim a sua mulher, e ela concebeu e teve Henoch (Génesis 4:16, 17). De que tribu descendia a mulher de Caim?

A Bíblia declara que, além de Caim, Abel e Seth, «Adão... gerou filhos e filhas» (Gén. 5:4). Depois de Caim e de Abel podem ter nascido irmãs — além das que nasceram depois de Seth — que a Bíblia não menciona.

Os antigos só mencionavam cuidadosamente o primeiro filho varão e o seu irmão imediato, porque, de acordo com as leis do patriarcado, o filho mais velho tomava o lugar do seu pai, mas era substituído pelo seu irmão mais novo em caso de morte ou incapacidade espiritual. Foi esse o caso de Caim, substituído por Seth; e o de Esaú, por Jacob, seu irmão mais novo.

O relato sagrado, sumamente breve, não diz quantos anos passaram antes de Caim matar Abel, nem quanto tempo passou antes de Caim se casar, nem tão pouco que este tenha encontrado a sua mulher «na terra de Nod». Os dez patriarcas mencionados em Génesis, capítulo 5, geraram o seu primeiro filho — em média — aos 155 anos, o que nos faz supor que houve tempo suficiente para que uma irmã de Caim fosse sua mulher. Nesse relato, o verbo «conhecer» significa **coabitar, estar juntos**, e não, verem-se pela primeira vez: «E conheceu Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e teve Caim... E tornou Adão a conhecer a sua mulher; e ela teve um filho...» (Génesis, 4:1,25).

«Nod» significa **fugir, vagar sem rumo certo**. A «terra de Nod» bem pode ter sido assim chamada por Adão ou pelos seus filhos, uma vez que foi para lá que fugiu Caim, ou então porque este lhe tenha dado o nome. Os familiares de Caim deviam conhecer as palavras que este dirigiu a Deus quando fugiu: «Serei fugitivo e vagabundo na terra» (Gén. 4:14).

Naquele tempo primitivo havia necessidade de se fazerem casamentos entre irmãos e parentes muito próximos. A mulher de Caim teve que ser uma irmã sua. Este costume, mais ou menos modificado, persistiu durante muito tempo. Sara, a mulher de Abraão, era sua irmã por parte do seu pai (Gén. 20:12), e Jocabed, a mãe de Moisés, era tia do seu marido Amram (Êxodo 6:20). Estes casamentos entre parentes próximos foram proibidos explicitamente por Deus (Levítico 18:6-17). A ciência moderna demonstrou a sabedoria desta proibição. — El Centinela

FACILIDADES PARA A GUARDA DO SÁBADO NA ITÁLIA

Doze dias depois do encontro da delegação da nossa Igreja na Itália com o Primeiro-Ministro Andreotti e do desfile silencioso pelas ruas de Roma, invocando a liberdade de consciência e os direitos das minorias religiosas (ver notícia na última página da RA de Maio), foi publicada pela Presidência do Conselho de Ministros daquele país a circular a seguir integralmente traduzida:

Roma, 16 de Fevereiro de 1977

A TODOS OS MINISTÉRIOS

SEDE

N.º 10. 1/42313

ASSUNTO:

Repouso semanal para os trabalhadores pertencentes a confissões religiosas diferentes da católica.

A necessidade de permitir que os trabalhadores pertencentes a confissões religiosas diferentes da católica possam fruir o repouso semanal no dia de guarda previsto pelas respectivas confissões, tem sido mais vezes salientada em sessão política. Nesse sentido, tanto na Legislatura actual como nas passadas, foram assumidas iniciativas legislativas (ver, recentemente, a proposta n.º 207/Câmara, dos deputados Servadei e outros), com invocação específica das obrigações decorrentes do artigo 7.º da «Convenção Internacional sobre o repouso semanal», tornada executiva por D.P.R. de 23 de Outubro de 1961, n.º 1660.

É por outro lado conhecido que a disposição jurídica vigente, embora prevendo o direito ao repouso semanal, não sanciona no entanto o princípio da «predeterminação inderrogável» do dia em que esse repouso deva ser observado, nem mesmo para os trabalhadores pertencentes à maioria católica.

O art. 2.109.º do Código Civil estabelece com efeito que o dia de repouso deve coincidir em

regra com o domingo; análoga disposição é ditada pelo art. 3.º do D.P.R. de 10 de Janeiro de 1957, n.º 3, relativo ao T.U. das disposições concernentes aos empregados civis do Estado; finalmente, encontram-se excepções ulteriores no art. 5.º da lei de 22 de Fevereiro de 1934, n.º 370, no âmbito das normas respeitantes ao trabalho doméstico, o trabalho no domicílio, o pessoal dos serviços públicos de transporte em regime de concessão e da rede de transportes urbanos, os trabalhadores agrícolas.

É portanto evidente que o reconhecimento eventual, aos trabalhadores pertencentes a confissões religiosas diferentes da católica, do direito absoluto de fruir o repouso semanal no dia de guarda previsto pela respectiva confissão, para além de criar dificuldades de ordem prática, se transformaria numa injustificada disparidade de critério em relação às numerosas categorias de trabalhadores católicos que, por força das citadas disposições, não podem usufruir igual direito.

No entanto, a necessidade acima apresentada merece ser considerada favoravelmente, na perspectiva de assegurar às minorias religiosas uma mais efectiva defesa da sua condição. Solicita-se, portanto, que se convidem todos os serviços dependentes, os organismos submetidos à vigilância de cada Ministério, as ordens e colégios profissionais, as organizações sindicais e as associações de categoria em geral, a adoptar as medidas que se julguem oportunas para permitir que os trabalhadores pertencentes a confissões religiosas para as quais o dia de guarda semanal corresponda a dias diferentes do domingo, possam ser autorizados a fruir o repouso nesses dias. Isso, compativelmente, no entanto, com as exigências da actividade ou do serviço a que eles se encontram ligados, respeitando igualmente as modalidades estabelecidas pelas leis, os regulamentos ou os contractos colectivos para a prestação da actividade ou do serviço e com a obrigação de restituir, entretanto, nos outros dias da semana, se necessário inclusivamente no domingo, as correspondentes horas de trabalho, sem direito a qualquer compensação de carácter extraordinário.

Aguarda-se a cortesia da respectiva consideração.

O SECRETÁRIO DE ESTADO